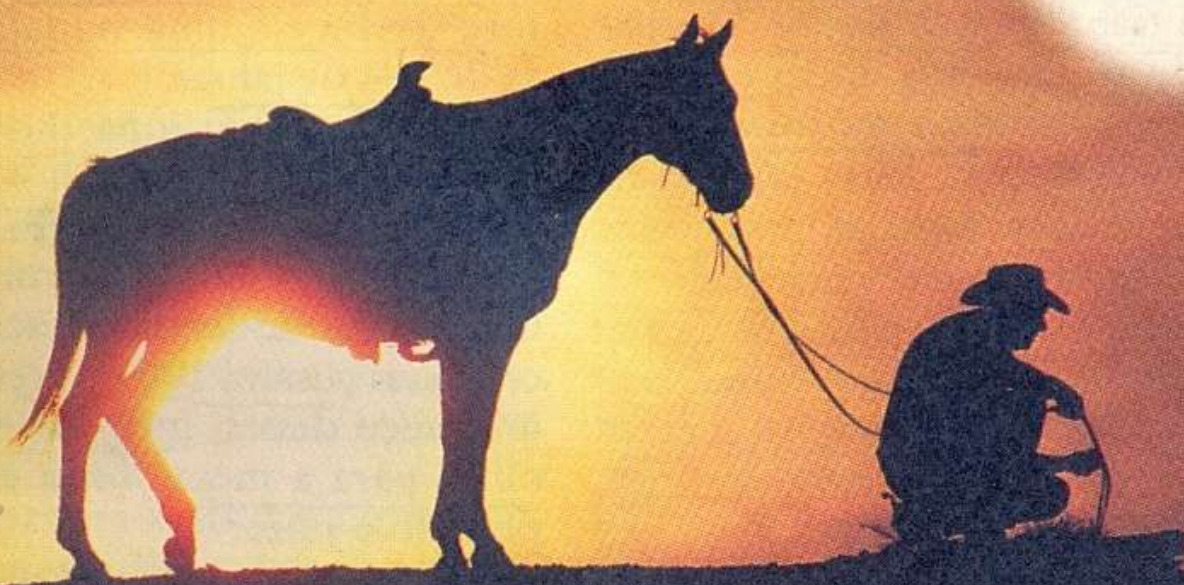


O cavalo dos sonhos e a mesa de jantar

BILLY PORTERFIELD



Fazer a promessa a Deus foi fácil. Mas cumpri-la foi outra história.

Desde pequeno, meu pai tinha uma adoração pelo cheiro dos cavalos e das mulas. Crescera nos campos, tratando dos animais. Nas tardes de sábado, participava de corridas nas feiras da região. Gostava tanto de estar na sua sela que a levava para a cama, usando-a

como travesseiro. Um costume que exigiu certo tempo para que minha mãe a ele se habituasse.

Mas se, por um lado, os cavalos eram a paixão do meu pai, os campos petrolíferos eram a sua profissão. Era um operário experiente que fazia parte de uma equipe de perfura-

ções. Enquanto os poços se encontravam em exploração, nunca nos faltava dinheiro. Mas sempre que um poço chegava ao fim, a equipe tinha de partir. Assim, minha família saltava de emprego em emprego, percorrendo os campos petrolíferos do Centro e do Sudoeste dos EUA.

Quando não havia perfurações, meu pai fazia trabalhos suplementares, tomando conta de poços já existentes e dos reservatórios. O salário não era tão bom, mas pelo menos era um trabalho mais seguro. Os cheques de pagamento chegavam todas as semanas e a companhia ainda lhe dava uma casa. Estas casas nunca eram nada de especial, mas nós as transformávamos em nosso lar, por mais curta que fosse a estada.

Foi enquanto vivíamos numa dessas casas que papai comprou o War Cloud (Nuvem de Guerra), um garanhão acinzentado com manchas brancas na zona dos olhos. Era o cavalo dos seus sonhos! Todas as madrugadas, antes do trabalho, passava uma hora no estábulo alimentando e escovando o animal. E, no fim da tarde, passeava no seu dorso até o pôr-do-sol.

Chegou mesmo ao ponto de equipar o estábulo do War Cloud com todas as comodidades: água corrente, um bloco de sal, uma manjedoura, cobertores para todas as espécies de tempo e até um armário com todos os comprimidos e pomadas de que um cavalo doente poderia necessitar. Até um ventilador pôs lá para afastar as moscas.

Minha mãe reclamava que o es-

tábulo estava mais bem mobiliado que a nossa casa. Ela tentava constantemente embelezar os locais onde vivíamos, fazendo tapetes ovais para o chão da sala e dos quartos. O chão de nossa casa estava sempre tão limpo que poderíamos comer nele. Mas, mesmo assim, minha mãe ainda não se dava por satisfeita: comíamos numa mesa tosca, por pintar, que nos fora oferecida por uma vizinha e que ela escondia sob uma toalha de oleado. O que a minha mãe queria era uma verdadeira mesa de sala de jantar.

Certo dia, viu uma mesa envernizada de nogueira, com seis cadeiras, numa cidade ali perto. Já conseguia vê-la lá em casa, coberta por uma toalha de renda branca. Mas o conjunto custava 100 dólares. E, com um preço desses, meu pai nem quis olhar para a mesa. Teria a mulher perdido o juízo?

Assim, minha mãe abandonou o seu sonho e prosseguiu com os seus dias de trabalho, ajoelhada, esfregando o linóleo ou debruçando-se sobre a tábua de engomar, pressionando calças com o ferro fumegante. Cheirava a sabão e a algodão queimado.

A paixão da minha mãe pela limpeza e pelo trabalho era tal que nunca parava quieta. Mas, mesmo assim, apercebíamos-nos sempre da sua estranha fragilidade. No outono do ano em que meu pai comprou o War Cloud, seu corpo não resistiu a tanto esforço e ficou doente. Tinha febre, arrepios e vomitava constantemente.

Recebeu a visita de um velho médico mexicano, o qual, inclinándose sobre a sua cama, percebeu que ela, já esgotada e anêmica, comera algo estragado. «Sofre de um envenenamento de promaína», diagnosticou. «O prognóstico é muito incerto porque tem muita febre e está desidratada.»

Pouco depois, entrava em coma e pensamos que morreria. Mas recuperou a consciência, beijou-nos a todos e caiu num estranho estado de calma.

Fay Talbot, uma vizinha, instalou-se em nossa casa para poder fazer o tratamento prescrito, à base de aspirina e líquidos. Todas as manhãs a lavava na cama, mudando-lhe a camisa e os lençóis de noite. O médico visitava-a todos os dias, dizendo-nos que nada havia a fazer além de esperar e rezar.

Papai passara a dormir no sofá da sala. Uma manhã, saiu para o estábulo, onde pensava que não o conseguiríamos ver, e chorou bem alto. Foi então que aquele homem duro balbuciou umas palavras para Deus, prometendo fazer o que quer que fosse se sua mulher se recuperasse. «Venderei o War Cloud e comprarei aquele conjunto de sala de jantar novo se fizer que ela fique boa.»

Nunca tivemos bem a certeza sobre se terá sido a promessa de meu pai, o tratamento do velho médico, os cuidados de Fay Talbot ou a vontade de minha mãe, mas o certo é que ela recuperou. No dia em que decidiu levantar-se e tentar recomen-

çar a andar, meu pai escapuliu-se e arrastou o War Cloud até o leiloeiro, que o vendeu pela melhor oferta, 150 dólares.

A razão por que depois foi se embebedar permaneceu sempre um assunto de debate no seio da nossa família. Pessoalmente, inclino-me mais para o lado que defende que ele foi afogar as mágoas, cheio de autoconmiserção por ter perdido a cabeça e prometido uma coisa daquelas a Deus. Quando se tratou de escolher, preferira a vida da mulher ao seu cavalo. Mas agora a morte fora vencida e a mulher encontrava-se quase restabelecida. Poderá ter chegado à conclusão de que podia ter ultrapassado a situação sem perder nenhum dos dois.

Seja o que for que possa ter acontecido, cambaleou até a loja de móveis e comprou o conjunto de sala de jantar, juntamente com uma toalha de renda branca. Quando voltou, eu e meus irmãos o ajudamos a montar tudo, ajudando depois mamãe a sair da cama, e amparando-a até a sala de jantar, onde estava a surpresa!

«Bem», perguntou o meu pai, «o que acha?»

O coração da minha mãe disparou. O seu marido tivera um gesto maravilhoso.

Mas de repente gelou: aquela madeira não era nogueira, era carvalho cru pintado com uma cor um pouco mais clara!

Olhou para o marido e depois para os filhos. Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

«Querido... meus filhos», disse ela, encostando-se ao meu pai. «É linda! Adorei!»

Ela usaria aquele conjunto durante 37 anos, levando-o conosco para onde quer que fôssemos. Certo dia, retirou o acabamento pintado e descobriu uns bonitos veios na-

turais na madeira, tingindo-a então da cor de noqueira escura com que sempre sonhara. Após a sua morte, minha irmã ficou com a mesa para a sua sala de jantar.

Mamãe tinha razão: pintada ou não, a mesa que o meu pai lhe dera era linda!

CONDENSADO DE «DIDDY WAW DIDDY», COPYRIGHT © 1994 DE BILLY PORTERFIELD, PUBLICADO POR HARPERCOLLINS PUBLISHERS, INC., NOVA YORK. FOTO: BUDDY MAYS / FPG



Pra todos os gostos

DANIEL KEEL, proprietário da famosa editora Diogenes, de Zurique, falando sobre a aceitação de livros e pintura de fraca qualidade:

Na literatura, passa-se exatamente o mesmo que na arte: primeiro, vêm os meios de comunicação social, que consideram bom tudo o que é novidade, mesmo que não lhes interesse muito. Depois, vêm os donos das galerias e as editoras, que tentam obter algum lucro com esse produto. Depois, o impressor, que está pouco ligando para aquilo que imprime. Em seguida, os donos das lojas, que não se sentem muito satisfeitos com a situação, mas não se atrevem a dizer nada. Por fim, vem o leitor ou o colecionador, que se sente com má consciência se não se mostrar entusiástico, embora no fundo ache a obra horrivelmente aborrecida. Tudo se baseia numa cadeia de equívocos, numa falta de coragem de assumir as próprias convicções. As pessoas têm medo de ser acusadas de não serem modernas ou de não entenderem nada de arte.

Picasso um dia interrogava-se sobre a mania que as pessoas têm de quererem compreender a arte, em vez de apenas a contemplarem. Faz uma notável comparação, perguntando: «Quem quer compreender o canto de um pássaro? Nós o ouvimos, e ou o achamos delicioso ou não achamos.»

— Roger Andereg, em *SonntagsZeitung*, Zurique

A leste do paraíso

EM 1951, abriu na cidade da Beira, em Moçambique, um restaurante típico chamado Paraíso.

Uma tarde, eu queria ir jantar fora e me lembrei de telefonar marcando mesa; tentei a ligação, naquele tempo ainda feita manualmente. Ao fazer o pedido: «Podê me dar o Paraíso?», ouvi, surpreso, a contra-interrogação: «Não acha que é demais pedir o Céu pelo telefone?»

— Vital Pereira Capelo, Portugal